

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

**ESPAÇOS ESCOLARES E GEOGRAFIAS DE APRENDIZAGEM CULTURALMENTE IDEALIZADAS.**

**ORIENTANDA:** Luana Manhente de Almeida.

**ORIENTADORA:** Prof.ª Dr.ª Claudia Miranda.

RIO DE JANEIRO

2014.1.

**Luana Manhente de Almeida.**

**ESPAÇOS ESCOLARES E GEOGRAFIAS DE APRENDIZAGEM CULTURALMENTE IDEALIZADAS.**

Monografia apresentada como exigência final da disciplina Monografia II do Curso de Pedagogia da UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Orientadora:** Prof.ª Dr.ª Claudia Miranda. Rio de Janeiro. 2014.1.

RIO DE JANEIRO

2014.1.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

**ESPAÇOS ESCOLARES E GEOGRAFIAS DE APRENDIZAGEM CULTURALMENTE IDEALIZADAS.**

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

|  |
| --- |
| Prof.ª Dr.ª Claudia Miranda. Orientadora – UNIRIO |
| Prof.° Dr.° Marcio da Costa BerbatRIO DE JANEIRO2014.1. |

**DEDICATÓRIA**

 Dedico este valioso trabalho, que é a Monografia, aos meus pais Orlando e Fátima, devido à força e orgulho que meu pai me deu ao passar no vestibular e à inspiração de minha mãe ao escolher tal curso, o qual ela sempre gostou bastante e o fez também.

**AGRADECIMENTOS**

 Creio que o primeiro a que devo agradecer é a Deus, o qual me deu tanta força para conseguir obter a frequência necessária e os bons resultados no curso.

 Aos meus pais Orlando e Fátima por me apoiarem e auxiliarem em tudo que sempre precisei.

 À professora Claudia Miranda por me orientar com muito empenho neste trabalho final e por me dar tantos conselhos e ao professor Marcio Berbat por ter podido examinar meu trabalho final, com seus conceitos e opiniões.

 A todos os funcionários, em geral, da UNIRIO, os quais fazem tudo funcionar, mesmo que por vezes havia certas dificuldades.

 E, é claro, aos meus queridos amigos, Nubia Borges, Rosilene Campano e Thiago Benaion por serem companheiros fiéis e essenciais nesta jornada da Pedagogia, e na jornada da vida também.

**RESUMO**

Este trabalho objetiva-se em compreender como funciona o processo de educação dentro de espaços escolares tendo como base os estágios vividos ao longo dos últimos cinco anos como estudante de Pedagogia; como se manifestam os espaços do lado de fora das instituições escolares ao entrarem na educação; e, como a cultura idealiza certos comportamentos, os quais influenciam nas relações interpessoais de alunos, professores e funcionários da educação. Além destes primeiros fatores, é interessante colocar como tais idealizações geram exclusões sociais, inclusive com a grande desigualdade social existente em qualquer ambiente. O fato de se unir a educação, a geografia, e, áreas sob a perspectiva da educação popular e das experiências de mundo vivido, voltando-se para a educação formal em seus diferentes níveis para a educação não formal. Dos presídios às empresas; da escola tradicional à EAD. Isso com experiências educacionais associadas a esforços para melhores condições simbólicas e materiais das *geograficidades* que contextualizam a existência. Os educandos passam a maior parte de suas vidas na condição de aprendizes; portanto, várias são as situações de aprendizado que vivenciam em seus percursos formativos. O setor educacional, tanto em âmbito nacional quanto de forma globalizada é crescente foco de investimentos, estudos, experiências, inovações e novas formações de profissionais para atuação junto ao mercado de trabalho. Tanto para aqueles que ensinam, ou mesmo que militam em prol de melhorias e avanços educacionais, estudos analíticos, inovadores e aprofundados sobre o panorama atual do mundo e dos mais eficazes meios de formação para a criança e adulto são de grande interesse, norteando novas metodologias e conteúdos a serem praticados. Fica claro, então, que é de muito merecimento prestar este trabalho à enorme importância de compreender o Espaço Escolar em suas diversidades e multiplicidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaços escolares; geografias de espaços; aprendizagem; cultura; multiculturalismo; diversidade.

**SUMÁRIO**

**Introdução**------------------------------------------------------------------------------------------8

**Capítulo I – Perspectivas históricas e conceitos**-------------------------------------------12

**1.1** - Abordagens acerca do Espaço Escolar: suas funções e principais papéis que representa para os estudantes--------------------------------------------------------------------12

**1.2 -** Espaço Escolar, Geografias de Aprendizagem e Cultura: quais resultados?------------------------------------------------------------------------------------------------------------------13

**Capítulo II – Expansão dos Espaços Escolares: da Escola Tradicional aos Presídios**-------------------------------------------------------------------------------------------19

**2.1 -** O essencial de qualquer ambiente de educação-----------------------------------------19

**2.1 -** Educar em diversos tipos de ambientes--------------------------------------------------23

**Capítulo III – Inspirações em realidades**---------------------------------------------------26

**3.1 -** Os diversos espaços como fundamentos da discussão---------------------------------26

**3.2 -** Repercussões de fatos-----------------------------------------------------------------------28

**Considerações Finais**----------------------------------------------------------------------------33

**Referências**----------------------------------------------------------------------------------------34

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho em forma de Monografia propõe debater e esclarecer algumas questões sobre os diversos tipos de espaços escolares e o que pode ocorrer nele e fora dele com suas fortes influências. Apresentarei uma análise sobre alguns aspectos relacionados com as práticas desenvolvidas no âmbito da educação escolarizada dessa vez incluindo os espaços hospitalares e espaços com privação de liberdade (nos presídios). Para tanto, tomo como objeto de análise os relatórios de estágio (Ensino Médio; Educação Infantil; Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Gestão Escolar; Educação de Jovens e Adultos). Convém destacar que o trabalho se insere no eixo das Teorias Críticas de Educação que conforme Alves (2007, p. 5):

De um lado estão os que entendem que só é possível criar conhecimentos e significações em ciência com o domínio maior possível de uma determinada posição teórica. Só depois disto é possível iniciar o trabalho de pesquisa prática na busca de algum conhecimento novo. Esse modo de pensar, assim, exige a estabilidade dos conhecimentos teóricos para se ir à prática buscar – em geral a palavra usada é ‘descobrir’ – novos conhecimentos.

Também nos estudos desenvolvidos por Paulo Freire (1996, p.64), baseados na ideia de que ensinar exige bom senso e de que a escola, engajada na formação de educandos e educadores, não pode alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos, coloco meu ponto de vista sobre as diversas possibilidades de ensino em diversos ambientes escolares de acordo com essas experiências vividas gerando cultura sempre, isto é, as diversas possibilidades de ensino em ambientes propícios ou não, dependendo do tipo de local e de como é aplicado. Nisso, mostrando como o sentido do multiculturalismo e as diversidades gerais influenciam e fazem parte de qualquer cotidiano escolar. Paulo Freire (1996) ao relatar que não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola, afirma que, infelizmente, ocorre essa falta de respeito com os “jeitos” próprios dos discentes.

Primeiramente, é interessante tomar o significado do ambiente escolar em todas as suas acepções. Com isso, revelar seus conceitos, suas funções e papéis que podem representar para todos os estudantes inseridos neles. Depois de uma extensa argumentação inicial, poderão ser percebidos os resultados do Espaço Escolar, das Geografias de Aprendizagem e da Cultura, os quais compõem todo esse processo escolar.

O Espaço Escolar e as Geografias de Aprendizagem podem, hoje em dia, ficar mais modernos graças à tecnologia avançada, onde novos métodos de educação estão surgindo, tal como a Educação a Distância, por exemplo; afinal, com a tecnologia e a globalização as fronteiras geográficas, distâncias físicas, limitações de horário e mediações burocráticas ou até políticas são suprimidas.

 De acordo com os estudos de Cristina Gomes Machado (2002), o termo “cultura” é ligado à formação individual de cada ser humano. É interessante ressaltar que surgiu da *paideia[[1]](#footnote-1),* momento em que o homem realizava sua verdadeira natureza desenvolvendo a filosofia e a consciência da vida em comunidade. Junto à cultura, é inevitável dizer também sobre tradição, literatura ou, principalmente, de educação; porém nada tem a ver com o que os gregos realmente compreendiam acerca da Paideia. Com o passar dos tempos, este termo, “cultura”, foi se modificando através de termos germânico, francês e inglês. Contudo, seu conceito mais utilizado, pelo menos atualmente, foi definido primeiramente por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *culture[[2]](#footnote-2);* formalizando, então, aquilo que já vinha sido idealizado e amadurecido na mente humana.

E cultura está totalmente relacionada a todo tipo de experiência. Afinal, é por meio de qualquer experiência que garantimos fatos e hábitos de vida que ficam registrados através do tipo que cada povo vive. No entanto, a experiência não pode ser fundamentada em nenhuma previsão e em nenhum raciocínio para o futuro, pois o percurso de cada assunto vivido pode mudar e, aquilo que testemunhamos não podem ser verificados no futuro. Experiência, portanto, remete-se somente ao passado e hábito também é um fator importante que constitui a cultura de uma sociedade.

 A cultura é presente em todo tipo de população e a vimos em todo espaço, principalmente no escolar. Pode-se perceber neste trabalho que a cultura é um amplo e contínuo processo de seleção e filtragem de conhecimentos e experiências, não apenas de um indivíduo, mas acima de tudo de um grupo social; entretanto, cada grupo se diferencia por uma determinada cultura, com características próprias.

A escola deve estar comprometida com uma cultura geral diferente, fundamentada no domínio tecnológico e científico do homem sobre a natureza. A educação geral será compreendida como apropriação dos princípios teórico-metodológicos que poderão permitir a execução de tarefas instrumentais e do domínio de diversas normas de linguagem e ter consciência de sua inserção no conjunto das relações sociais das quais participa. [...] O objetivo dessa escola deve ser a formação do cidadão, do homem da *polis*, participante nos diferentes espaços, enquanto produtor e consumidor na sociedade (OLIVEIRA, 1995, p.24).

No decorrer do segundo capítulo – “Expansão dos Espaços Escolares: da Escola Tradicional aos Presídios” – poderemos relacionar e descrever tudo aquilo que é essencial em qualquer ambiente educativo de que maneira saber lidar e educar em diversos tipos de ambiente. Diante de tais realidades, seria indispensável problematizar o conceito de cultura considerando-a uma elaboração coletiva, em constante transformação. Seria uma perspectiva de cultura na heterogeneidade onde está subentendido um multiculturalismo crítico que poderá apontar para mudanças culturais.

A grande variedade na operação de uma quantidade tão pequena de funções que faz com que o homem seja considerado um ser predominantemente cultural. Seus comportamentos e ações não são determinados biologicamente, pois sua herança genética nada tem a ver com seus hábitos, crenças e rotinas, porque todos os seus atos dependem completamente de um processo de aprendizado. Além disso, é fundamental abordar a sociedade que enfrenta mudanças sucessivas em diversos âmbitos, em especial na ciência e tecnologia, as quais significam tanto para a educação, sobretudo nas comunicações e nos relacionamentos sociais, onde nem sempre as respostas obtidas são cunhadas no passado, e sim, numa busca incessante em volta de um dinamismo social que evolui conforme novas formulações de métodos e habilidades interpessoais. A partir disso, uma opção que, num certo sentido, possa abarcar todas as outras, seria a chamada *educação permanente,* a qual sugere que o ser humano, sendo um ser incompleto, é sempre objeto da educação, Machado (2002, p. 13).

No terceiro e último capítulo – “Exemplos de Inspiração: realidades” – buscarei apontar alguns momentos vividos por mim em alguns estágios e no PIBID. Nas palavras de Cristina Gomes Machado (2002), o grande desafio que se impõe à sociedade dos tempos modernos é de como o sistema comunicativo considera a educação e a comunicação conjuntamente. Assim, é bastante válido ver como o novo campo “educomunicador” tem a capacidade de elaborar diagnósticos sobre a inter-relação de educação e comunicação; articulando, desse modo, com a incorporação definitiva de uma cultura mediadora na cultura atual, o que seria uma atribuição da nova educomunicação.

Por outro lado, em relação aos fatos e convivências, não se deve confundir a extensa noção de cultura com o simples acúmulo de informações e conhecimentos adquiridos por um indivíduo. Ao contrário, isso pressupõe um longo e contínuo processo de seleção e filtragem de conhecimentos e experiências que geram hábitos, podendo resultar em agregado de ideias e símbolos que passa a integrar nossa própria personalidade.

Em termos teórico- metodológicos esse trabalho está alinhado numa base metodológica com meus próprios trabalhos de campo em Educação de acordo com ideias de Lüdke (2009, p.61) ao afirmar que “A pesquisa escolar é assumida como uma metodologia para favorecer o processo de ensinar e desenvolver aprendizagens.”

De acordo com Pimenta (2006) não se deve

[...]colocar o estágio como o polo prático do curso, mas como uma aproximação à prática, na medida em que será consequente a teoria estudada no curso, que por sua vez, deverá se constituir numa reflexão *sobre* e a *partir* da realidade da escola pública... (p.70)

Isso tudo entranhado num pesquisador a fim de construir uma consciência profissional; abrir espaço para a produção crítica do conhecimento; conduzir e interpretar a organização das informações; permitir relacionar valores e compromissos; enxergar as alterações nas ações cotidianas dos professores em sua sala de aula, conforme caminhando os acontecimentos didáticos em seus determinados horários. Nas palavras de Lüdke e André (1986, p.17) o papel do observador que atua num estágio é:

Desde os contatos iniciais com os participantes, o observador deve-se preocupar em se fazer aceito, decidindo quão envolvido estará nas atividades e procurando não ser identificado com nenhum grupo particular. Esses cuidados são fundamentais para que ele consiga obter as informações desejadas. Além dessas qualidades pessoais e das decisões que deve tomar quanto à forma e à situação de coleta de dados, o observador se defronta com uma difícil tarefa, que é a de selecionar e reduzir a realidade sistematicamente. Essa tarefa exigirá certamente que ele possua um arcabouço teórico a partir do qual seja capaz de reduzir o fenômeno em seus aspectos mais relevantes e que conheça as várias possibilidades metodológicas para abordar a realidade a fim de melhor compreendê-la e interpretá-la.

**I – PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E CONCEITOS**

**1.1 - Abordagens acerca do Espaço Escolar: suas funções e principais papéis que representam para os estudantes.**

A problematização do tema pode ser levantada sobre diversos aspectos. É evidente que o espaço escolar constitui-se de várias culturas, idades, opiniões, onde todos possuem a necessidade de socializar a todo e qualquer instante. Neles, necessita-se de princípios emergentes que possam contribuir para moldar formas cambiantes de currículo e alfabetismo. Afinal, o currículo abrange todas as experiências de aprendizagem; questiona o que é verdade; constitui e organiza todo conhecimento que foi e permanece em construção na sociedade.

Para Antonio Flavio Barbosa Moreira (2008), “o currículo possui uma série de sentidos ao longo dos tempos, entendendo-o como um conjunto de experiências de aprendizagem, organizado pela escola e que contribui para formar as identidades dos estudantes”. É organizado à base da reflexão de tudo aquilo que a sociedade almeja construir.

É dentro do pós-modernismo, o que exige dos docentes novas maneiras de compreensão, novos recursos e um sentimento de humildade e reconhecimento da inevitabilidade das diferenças. Enfim, a igualdade é quase inatingível, enquanto equidade deve-se ter sempre na questão com o respeito ao próximo.

As escolas podem se tornar locais como ‘mundos próprios’, trocando possibilidades na tecno-realidade, necessitando reconstituir esses mundos juntamente com as novas gerações. Seria um “espaço virtual” para os jovens *cyborgs[[3]](#footnote-3).* Isto é, a educação atual precisa mudar seu currículo, afinal de contas é essencial ajustar-se à importância educacional e cultural da imagem (cultura da mídia) como um novo princípio organizacional para as relações sociais e as subjetividades.

Os espaços das cidades servem como um precioso exemplo que leva ao espaço escolar. Sujeitos concretos que vivem nesses espaços das cidades, sobretudo “outsiders”, que fazem parte dos desempregados, dos mendigos, dos grafiteiros, dos jovens estudantes de EJA e da escola regular dentro e fora da sala de aula, dos drogaditos das praças públicas, entre outros, preocupam bastante. Com isso, autores levam suas bagagens, reflexões e proposições para um ensino da geografia integrado com as distinções presentes nesses territórios, gerando a “produção de espaços sociais”.

Carina Martins Costa (2008) propõe desafiar as potencialidades do ensino de História nos museus, num cenário que predomine a memória como referência para narrativas e lutas políticas. Os materiais pedagógicos produzidos pelos museus podem ser como um ponto de partida para perceber concepções de história, memória e aprendizagem instrumentalizadas pelos museus históricos com o objetivo de educar.

O museu, concebido como espaço de poder, é produtor de sentidos do passado e, portanto, suas múltiplas linguagens fomentam acessos para a compreensão de permanências e rupturas dos projetos de História nacional. Neste sentido, a importância da preservação das fontes pedagógicas é realçada, como proposta para a construção de interpretações sobre a educação museal no Brasil.

**1.2 - Espaço Escolar, Geografias de Aprendizagem e Cultura: quais resultados?**

 Uma das transformações mais significativas no contexto escolar é o currículo que representa o conjunto de práticas evidenciadas na produção, circulação e consumo de significados no espaço social, contribuindo na construção de identidades sociais e culturais. Isto é, currículo é um território de tensões onde se produz e reproduz a cultura, e, nesta direção, vem sendo criado, recriado, contestado e transgredido na escola.

A cultura, por sua vez, “é algo extremamente popular a qual, por contraste ao saber culto dominante, apresenta-se como “totalidade”, construída realmente por meio da justaposição de elementos residuais e fragmentários considerados resistentes a um processo “natural” de deterioração”. Como diz Arantes (1981).

No entanto, é essencial buscar quem é o povo que faz parte dessa cultura popular. Este termo “cultura popular” implica em visões negativas por estar inserido numa categoria social vista como “inferior”, isto é, o “povo-massa” que se contrapõe à “elite”. Mas, que, por outro lado, é visto como algo que constitui o espaço social onde se preservam (deturpam) as tradições nacionais.

Arantes contrapõe os diversos significados de “cultura” defendendo o seguinte ponto de vista:

As formas de ornamentação do corpo, próprias de outras culturas, perdem, entre nós, a sua inteligibilidade original, ou seja, sua capacidade de explicitarem simbolicamente as diferenças e desigualdades sociais existentes nos grupos que ocorrem, ganham novos significados, marcando a distinção global nós (civilizados) eles (exóticos, selvagens). (1981, p.31).

 Isso porque são sociedades estratificadas em classes, nas quais as esferas de cultura são atividades que se objetivam em produzir conhecimentos e gostos em que, nas universidades e academias, por exemplo, são difundidos entre as várias e diferentes camadas sociais como os mais belos, os mais corretos, os mais adequados, os mais plausíveis, entre outros atributos. Então, ser “culto” é uma condição que envolve muitas características: ter razão, ter bom gosto ou até saber, ter conhecimento e estar informado sempre.

 Toda diversidade encontrada através das plurais culturas se desenvolvem em processos históricos múltiplos, sendo o lugar privilegiado da cultura no geral, afinal, é ela quem forma os diversos núcleos de identidade dos vários agrupamentos humanos, ao mesmo tempo em que os diferencia uns dos outros. Ser elemento de um grupo social implica, normalmente, em compartilhar uma maneira específica de comportar-se em relação aos outros homens e à natureza.

 Ao se tratar de vida social, a cultura se encontra por todo canto. Tudo em que todos agem, seja no trabalho, nas relações conjugais, na produção econômica ou artística, no sexo, na religião, nos modos de dominação e de solidariedade, pelas quais provocam mudanças através dos tempos.

 Essas sucessões de mudanças têm permitido o avanço no desvendamento da discriminação e estigmatização a que são submetidos certos grupos sociais como negros, pessoas com necessidades especiais, miseráveis, jovens de risco social, crianças trabalhadoras e outros na escola. Rego (2006) discute o meio como a relação *entre e em torno,* sendo o primeiro, a representação da sala de aula, entre outros ambientes escolares, como lugar de formação e o *em torno* como o contexto material e simbólico mais próximo do vivido.

 Nesta perspectiva, é essencial a dialogicidade entre a escola e a cidade abrangendo seu patrimônio histórico, cultural e ambiental. Paulo Freire (1996, p.135) ressalta que ensinar exige disponibilidade para o diálogo:

É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas. É na minha *disponibilidade* à realidade que construo a minha segurança, indispensável, à própria disponibilidade. É impossível viver a disponibilidade à realidade sem segurança, mas é impossível também criar a segurança fora do risco da *disponibilidade.* (FREIRE, 1996, p.135)

Com a globalização e a reestruturação produtiva gera-se um novo espaço, com renovadas possibilidades técnicas. E, dentro disso, a função da escola será a de construir competências relacionadas à seleção e ordenação de dados e percepções do lugar, na associação e relação entre as informações e conhecimentos, na organização das sínteses.

Para além do conceito de patrimônio, deve-se tratar de questões vinculadas a educação patrimonial, pois independentemente da atuação da escola neste sentido, a sociedade vem construindo uma concepção própria de patrimônio, a partir de princípios nem sempre definidos e por meio de uma diversidade de ferramentas.

Com base nos estudos de Pós-Graduação do Professor e Pesquisador Marcio da Costa Berbat[[4]](#footnote-4) (2008), em sua Dissertação na UERJ, como afirma Laval (2004, p. 319), a onda de mudança atual dos sistemas educativos deve, portanto, ser ao mesmo tempo compreendida na longa duração e como produto de uma acentuação da mutação capitalista das sociedades. São, portanto os preceitos e práticas do neoliberalismo que é preciso combater e são também os fundamentos dessa forma de sociedade que é preciso recomeçar a interrogar para definir e propor o gênero de políticas, de instituições, de normas, de saberes capazes de fazer contrapeso a essas tendências longas.

Referente à prática acadêmica e profissional, são diversos os exemplos do foco dado ao estudo e reflexão acerca do patrimônio: nos PCNs; para os profissionais da área de Arquitetura e Urbanismo; o Turismo apropria-se do patrimônio na sua prática, sendo um dos principais elementos de definição de roteiros e investimentos na área; no âmbito cultural, o patrimônio histórico e cultural tem uma importância fundamental, o que pode ser demonstrado pelo fato dos programas de incentivos a cultura, em todos os níveis, entenderem o patrimônio como campo específico. Um dos exemplos é o Programa de Incentivo à Cultura do Município de Londrina – PROMIC e o Prêmio Cultura Viva, promovida pelo Ministério da Educação.

 Além de toda essa união, seria inevitável não trazer a grande temática do campo da sociologia, da história e do currículo ao tratar-se de ‘espaços sociais’, sendo uma reflexão que incide, principalmente, no ensino da geografia. Milton Santos estabelece uma categoria de formação *sócioespacial* a partir da categoria marxista de formação social. Na contribuição acentua-se a particularidade geográfica daquela categoria. Em suas últimas denotações, o autor demonstrou preferência por uma expressão mais distante daquela categoria, como as formas geográficas. Elas seriam a configuração territorial das ações resultantes da existência, destacando especialmente os conceitos de circuitos espaciais da produção, que formam um par dialético com os círculos de cooperação.

 É interessante salientar ainda com Milton Santos (1978) que “A verdade, porém, é que tudo está sujeito à lei do movimento e da renovação, inclusive as ciências. O novo não se inventa, descobre-se”; e, nisso, é importante mergulhar na epistemologia da Geografia e na dialética, ganhando bases interdisciplinares, teorizando e praticando para a transformação do mundo, propondo uma análise acurada do objeto da ciência: o espaço, mostrando a necessidade de torná-lo verdadeiramente humano, relacionando-o com outras disciplinas afins.

No conceito de espaço, Milton Santos revela a noção de paisagem, onde sua forma está em objetos naturais correlacionados com objetos fabricados pelo homem. Santos aponta que espaço e paisagem não são conceitos dicotômicos, onde os processos de mudança social, econômico e político da sociedade resultam na transformação do espaço, que concatenado a paisagem se adaptam para as novas necessidades do homem naquele dado período. Milton Santos revela o conceito de paisagem como algo não estanque no espaço, e sim que a cada período histórico altera, renova e adapta para atender os novos paradigmas do modo de produção social. ("Pensando o espaço do homem" São Paulo: Hucitec, 1982).

 Deve-se reconhecer também que a geração de situações de perda da condição de reprodução social, embora implique transformações espaciais, principalmente devido às mudanças técnicas, ganha sentido de processos de desterritorialização[[5]](#footnote-5), configurando-se como deslocamentos (social ou territorial) das pessoas a grupos em relação a suas condições originais de vínculo com o espaço. Dessa maneira, se rigidamente por exclusão social, se pressupõe considerar o caso de excluir o indivíduo da sociedade, sendo algo óbvio e absurdo, onde muitos não têm possibilidades de escolha.

 Por fim, é um assunto que interessa compreender a questão do espaço escolar como um ‘subespaço’, fazendo parte do todo, a qual seria uma leitura do espaço geográfico, analisando este subespaço internamente a fim de refletir e procurar entender o espaço escolar. E, partindo disso, o mais válido é observar e saber lidar com as representações sociais atribuídas a cada espaço, onde se busca compreender as relações de identidade que cada pessoa constrói em seus tempos, com o apoio da ciência geográfica e, é claro, como o ensino se desenvolve e evolui neste espaço.

 Atualmente, pode-se dizer que há a preocupação com:

* A generalização da exclusão social, em termos reais e em plano discursivo;
* O papel da escola em propagar a importância de ler criticamente a pluralidade de informações e mensagens desse meio que é próximo e distante (local e global);
* A importância em ler a realidade do cotidiano pregada às informações e imagens virtuais e midiáticas;
* O novo sentido da desigualdade por meio dessa “exclusão social”, onde a economia capitalista caracteriza-se pela eliminação definitiva de postos de trabalho;
* Resultados da exclusão social: perda de direitos e garantias sociais; carência ou falta em termos de educação, saúde, moradia, saneamento básico, entre outros; exclusão de possibilidades de realização do trabalho, das condições de reprodução da vida e, até mesmo, impossibilidade da manifestação e da exposição do pensamento no âmbito da integração.
* Um contexto que não é único nem absoluto: aceitar a ideia de uma condição extrema, que é a exclusão social plena;
* E, se a apropriação do espaço reduzida ao sentido de posse (domínio) resulta na separação de grupos ou comunidades. Num outro sentido: adequação (tornar um espaço favorável e apropriado), decorrendo do uso e da transformação que, por mais que não tenha tornado plenamente efetiva a desnaturalização, constrói a humanização do espaço como uma condição oposta.

De acordo com Cristina Gomes Machado (2002), a metodologia utilizada para elaborar este assunto foi a da nova ciência, a qual busca uma interpretação “matematizada” (matemática no sentido grego, *mathesis universalis,* de conhecimento perfeito, completo e dominado pela razão) e formal do real, trazendo para a metodologia de análise deste real a questão da neutralidade do conhecimento científico. Simultaneamente a isso, a postura diante deste real passa da atitude de preservação para a de manipulação e transformação da natureza, atendendo ao próprio desenvolvimento que ocorria no nível da economia, que se organizava nos moldes capitalistas.

Todo e qualquer tipo de pesquisa tem uma intencionalidade, que é a de elaborar conhecimentos que possibilitem compreender e mudar a realidade; como atividade, está inserida em determinado contexto histórico-sociológico, estando, portanto, unida a todo um conjunto de valores, ideologia, concepções de homem e de mundo que constroem este contexto e que atuam nele, exercendo o papel de pesquisador.

É interessante relacionar a este tipo de metodologia porque o tema aqui proposto é de extrema emergência, afinal a sociedade cada vez mais aumenta e cada vez mais os problemas vão aumentando também junto às desigualdades, o que geram mais e mais disparates. O que precisa ser feito para que isso diminua, gradativamente, tem a necessidade de ser algo de conhecimento perfeito, completo e dominado pela razão, de uma maneira justa para atender nos locais escolares e não escolares a todo tipo de cidadão; dignamente.

**II - EXPANSÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES: DAS ESCOLAS TRADICIONAIS AOS PRESÍDIOS**

**2.1 - O essencial de qualquer ambiente de educação.**

Todos sabem que qualquer ambiente de educação tem por propósito o desenvolvimento de práticas de ensino para todo cidadão, da Educação Infantil ao Ensino Superior, para todo tipo de povo. Vale destacar, de acordo com a Constituição de 1988, através do Documento CONFINTEA de 2008:

Os 227 povos indígenas brasileiros, falantes de 180 línguas, por determinação da Constituição de 1988 passam a ter reconhecido e respeitado o direito a seus territórios, suas especificidades étnicas, socioculturais, suas organizações políticas e, com apoio na Lei maior, buscam determinações legais para terem atendidas suas metas, particularmente no tocante à educação básica e superior indígena. Contemporaneamente, organizações de povos indígenas têm ocupado lugar no cenário brasileiro, especialmente no que diz respeito à educação de sua gente e à formação de seus educadores. Buscam garantir o direito a manter e disseminar a herança educativo-cultural que os forma como grupo humano diverso. Características importantes como o bilinguismo, que reconhece e valoriza línguas nativas, e a interculturalidade própria do projeto de educação indígena constituem princípios educativos para a formação de cidadãos e importantes contribuições para a educação brasileira em geral (CONFINTEA, 2008).

Ainda com o apoio das palavras de tal documento, no tocante à educação é ainda necessário definir políticas de Estado que preservem e valorizem marcas de suas culturas, destacando a importância da resistência de afrodescendentes à escravização e mantendo tradições e concepções de mundo resguardadas durante anos em agrupamentos zelosos de seus saberes e de seu conhecimento. Processos educativos em quilombos, oferecidos pelos sistemas de ensino, ainda devem superar o caráter assimilacionista, presente em toda a educação.

Portanto, podemos ver que além dos mais tradicionais ambientes educacionais, é essencial apresentar que há, além de quilombos, em hospitais, em empresas e até em presídios. É de extrema importância relatar destacadamente sobre Educação em Presídios, Educação Empresarial e Pedagogia Hospitalar, afinal nem todos sabem que as mesmas existem.

Porém, a educação, quando ofertada em presídios, compete com o trabalho, e em desvantagem: pelo trabalho há remuneração financeira de que precisam internos e suas famílias, além de ser visto como saída para manter internos ocupados e como medida de ressocialização. A remição de um dia de pena pela educação, quando existe, exige 18h de estudos, enquanto o trabalho faz a remição de um dia para cada três trabalhados. Além disso, a rede de escolas em presídios, onde existe, tem pouca visibilidade social, ainda que algumas com atividades há cerca de 30 anos sem, entretanto, atender a todos os internos que constituem potencial demanda, e com pouca expansão da oferta. Durante o tempo de privação da liberdade, a educação é alternativa real de vida, consolidando um dos muitos direitos não garantidos à maioria dos sujeitos presos.

É importante citar algumas informações sobre a Educação Prisional existente em nosso país. De acordo com o site do Portal Brasil (abril de 2012), todo preso tem direito à educação. Além da Constituição Federal, garantem o acesso dos detentos brasileiros aos estudos a [Lei de Execução Penal (LEP)](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm), a [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394)](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm) e o [Plano Nacional de Educação (PNE)](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16478&Itemid=1107). Em 2011, houve um novo incentivo para que os presos retomassem os estudos. A [Lei 12.433](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12433.htm) previu a redução de pena, que já ocorria com o trabalho, também para quem estuda. A cada 12 horas de frequência escolar o preso tem um dia a menos de pena a cumprir, incluindo ensino fundamental, médio, profissionalizante, superior ou ainda curso de requalificação profissional. A cada três dias de trabalho o preso tem o desconto de um dia. Assim, um detento que trabalha e tem quatro horas de aula por dia garante, a cada três dias, a remição de dois de cumprimento da pena.

Desde 2010, também está prevista a instalação de salas de aulas nos presídios, graças a um acréscimo feito à Lei de Execução Penal, pela [Lei 12.245](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12245.htm). Mas o cumprimento da determinação ainda esbarra na falta de espaços físicos. Em alguns locais, até as salas de aula viraram celas para acomodar detentos. Para combater o problema, o Depen criou um programa para melhorar a geração de vagas por meio da construção de mais cadeias públicas. Além disso, nas novas construções já estão previstos espaços exclusivos para educação e saúde.

Outro passo importante dado para aumentar a oferta de educação nas penitenciárias foi dado em 2011, com a instituição do [Plano Estratégico de Educação no Âmbito do Sistema Prisional](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7626.htm). A medida aumenta as atribuições do Ministério da Justiça e do Ministério da Educação e Cultura (MEC) para promover o ensino no sistema prisional. A meta é levar aos presídios o [Programa Brasil Alfabetizado](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17457&Itemid=817), do MEC. Cerca de vinte e seis mil presos se declaram analfabetos no Brasil. O curso tem duração curta, de seis a oito meses, o que é considerado positivo já que transferências entre presídios podem atrapalhar a conclusão do curso.

Já a Educação Empresarial, com base nos estudos de Rejane Lucena (2010), compreende-se que o treinamento e a educação profissional,  tem como finalidade melhorar o desenvolvimento do potencial humano na empresa. Nessa perspectiva, com o aperfeiçoamento das habilidades e conhecimentos dos funcionários sobre as atividades exercidas no meio organizacional, haverá ganhos significativos, não apenas para o colaborador, mas para a empresa, que fortalecerá a conquista de suas metas e objetivos.

Rejane Lucena (2010) destaca ainda que, de acordo com Chiavenato "O treinamento é uma maneira eficaz de delegar valor às pessoas, à organização e aos clientes. Ele enriquece o patrimônio humano das organizações". (1999, p. 294)

Enquanto que Ribeiro evidencia que:

tanto a educação como o treinamento constituem-se como processos intercomplementares (nunca excludentes) cujo objetivos buscam muito mais do que acumular técnicas ou conhecimentos, mas, acima de tudo, promover mudanças de atitudes mais amplas (que ultrapassam os limites do ambiente de trabalho). (2008: p.65)

O pedagogo empresarial vai além da compreensão de aspectos teóricos, favorece o rompimento de paradigmas, e desse modo propicia ao colaborador na empresa, ultrapassar seus próprios limites, a partir do exercício de suas capacidades. Ribeiro destaca que:

cabe ao pedagogo empresarial desenvolver uma sensibilidade e capacidade perceptiva para apreender a aprender em que medida estes traços culturais subjazem às atividades de treinamento e, ainda, como minimizar o impacto destes nos comportamentos dos treinandos e instrutores, buscando alternativas de controle mais precisas sobre expectativas e demandas nos diferentes setores organizacionais. (2008: p.87)

Além disso, vale finalizar a respeito de Pedagogia Empresarial, nas palavras de Charlyne Pinheiro da Paz e Taise Neves Carvalho (2010), pontos infalíveis para tal assunto ter êxito. As responsabilidades dos especialistas em pedagogia empresarial são:

* Conhecer e encontrar as soluções práticas para a otimização da produtividade profissional;
* Conhecer a fundo e [trabalhar](http://www.pedagogia.com.br/artigos/rhpedagogiaempresarial/) de acordo com os objetivos da empresa onde trabalha;
* Conduzir com treinamentos os funcionários e dirigentes que trabalham na empresa, na direção dos objetivos humanos, bem como os definidos pelo empreendimento;
* Promover treinamentos, eventos, reuniões, festas, exposições, enfim, atividades práticas necessárias ao desenvolvimento integral das pessoas, motivando-as positivamente (processo educacional), com o objetivo de aperfeiçoar a produtividade pessoal;
* Aconselhar de forma pertinente, sobre as condutas mais eficazes das chefias para com os funcionários e deste para com as chefias, com o objetivo de favorecer o crescimento da produtividade da empresa;
* Favorecer/conduzir um bom relacionamento entre os membros da empresa, através de ações pedagógicas, que garantam harmonia, e consequentemente, estimulando a produtividade.

A Pedagogia no âmbito empresarial se consome basicamente com os conhecimentos, as habilidades, as competências e as atitudes tidas como necessárias à melhoria da produtividade. Confirmando esse olhar de Pedagogia Empresarial, Almeida (2006:06) afirma que o foco desta é "qualificar pedagogos e administradores para atuarem no âmbito empresarial, visando aos processos de planejamento, capacitação, treinamento, atuação e desenvolvimento do corpo funcional da empresa".

Ao se ouvir o termo “Pedagogia Hospitalar” nem todas as pessoas fazem ideia do que possa ser. Até porque, muitos ao menos identificam o significa “pedagogia” e sequer imaginariam que possa existir algum tipo de desenvolvimento educacional dentro de um espaço da saúde.

De acordo com os estudos ditados no artigo: Pedagogia Hospitalar: A Prática do Pedagogo em Instituição Não-Escolar de Rosângela Abreu do Prado Wolf, a prática do pedagogo na Pedagogia Hospitalar poderá ocorrer em ações inseridas nos projetos e programas nas seguintes modalidades de cunho pedagógico e formativo: nas unidades de internação; na ala de recreação do hospital; para as crianças que necessitarem de estimulação essencial; com classe hospitalar de escolarização para continuidade dos estudos e também no atendimento ambulatorial.

Nas suas palavras, atualmente, a Pedagogia Hospitalar como processo pedagógico é uma realidade no vasto leque de atuação do pedagogo na sociedade contemporânea. Em muitos casos funciona em parceria entre hospital, Universidade através dos estagiários e a instituição escolar de onde o paciente é oriundo, preservando a continuidade do desenvolvimento da aprendizagem, através de metodologias diferenciadas, flexíveis e vigilantes que respeitem o quadro clínico.

Rezende (2001) defende a importância desses estágios para os acadêmicos no hospital, colocando que

[...]

a criação de um estágio multiprofissional e interdisciplinar da área de saúde é benéfica a toda a comunidade envolvida. Os alunos terão uma visão das condições de saúde e a clientela do projeto, orientação para uma melhor qualidade de vida. As universidades terão campos de estágios, mostrando a realidade profissional, e a comunidade será beneficiada com o suporte científico.

Nesse caso, a Universidade enquanto parceira cumpre também com o seu papel extensionista e social, como nos lembra outro teórico, Stori (2003, p. 30-1):

[...]

o que distingue a Universidade, diferenciando-a de tantas outras instituições de ensino ou pesquisa, é a sua capacidade de fazer análises, diagnosticar problemas e transmutação ou ao transpassamento das disciplinas, à custa de suas aproximações e frequentações. Pois, além de sugerir a ideia de movimento, da frequentação das disciplinas e da quebra de barreiras, a transdisciplinaridade permite pensar o cruzamento de especialidades, o trabalho nas interfaces, a superação das fronteiras, a imigração de um conceito de um campo de saber para outro, além da própria unificação do conhecimento. Vale dizer que não se trata do caso da divisão de um mesmo objeto entre (inter) disciplinas diferentes (multi) que o recortariam e trabalhariam seus diferentes aspectos, segundo pontos de vista diferentes, cada qual resguardando suas fronteiras e ficando (em maior ou menor grau) intocadas. Trata-se, portanto, de uma interação dinâmica contemplando processos de auto regulação e de retroalimentação e não de uma integração ou anexação pura e simples.

**2.2 - Educar em diversos tipos de ambientes.**

É interessante começar este ponto do 2° capítulo fazendo a seguinte pergunta: como saber educar em diversos tipos de ambiente? Simples, basta cada pedagogo se aplicar àquilo em que se encaixa e se identifica melhor, ainda mais com as inovações tecnológicas, onde aparece a EAD, podendo-se haver aulas virtuais na própria casa de seus alunos.

Em parte do resumo do artigo *O Perfil do Pedagogo para atuação em Espaços Não-Escolares*, da Profa. Dra. Mary Rosane Ceroni (2006), destaca-se bem isso:

No Grupo de Pesquisa Educação e Inclusão Social, na Linha Gestão Educacional e Educação Profissional, este estudo, aprovado pelo Comitê de Ética, tem por objetivo definir o perfil do Pedagogo que exerce suas atividades profissionais em espaços não escolares, o que implica: pensar nas políticas educacionais no Brasil, na responsabilidade de um comprometimento com a qualidade social voltada para a cidadania e para a inclusão; e propiciar aos pedagogos a compreensão de sua capacidade profissional e o desenvolvimento de competências em ambientes que extrapolem as unidades escolares e ainda, aumentem suas áreas de atuação, para que se tornem cada vez mais empregáveis. Apresenta-se neste estudo o perfil do pedagogo em espaços não escolares.

 Percorrendo na questão da EAD, afinal também é um espaço, além dos formais, tornando a tecnologia como sua maior condutora para tal função de ensino, pode-se destacar conclusões tiradas por Berbat (2012, p.2) acerca do que a EAD e a tecnologia podem gerar cada vez mais:

Dentro desse processo de ampliação do uso das diversas mídias tecnológicas na área educacional, tanto pela característica técnica como pela sua forma de funcionamento em rede, podemos dizer que vem diretamente acompanhada de estratégias de privatização da educação no país, historicamente carente de investimentos públicos em grande parte do território nacional, como também ampliação do mercado para as grandes empresas estrangeiras (principalmente as americanas e europeias) da área de ciência e tecnologia, criando dessa forma um

enorme potencial de vendas, no chamado “mercado educacional” emergente.

E ainda em relação à EAD, as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) podem ser dimensionadas pelas formulações das organizações “globais” endereçadas aos Estados nacionais, especialmente quando periféricos. Para explicar melhor isso:

As TIC podem ser consideradas como elementos impulsionadores das principais mudanças implantadas na sociedade nas últimas décadas e que esse impacto a partir das transformações ocorridas e em constante dinamização sobre o espaço vem potencializando uma cidadania sem fronteiras e de intensa transformação cultural (BERBAT, 2006; Berbat, 2012, p.3).

O Professor e qualquer profissional da área da Educação precisa saber lidar, a todo o momento, com situações de sociedade e, ao mesmo tempo, saber colocar-se de um modo em que o estudante não se sinta constrangido, conseguindo se sentir à vontade para aprender melhor e focar naquilo que mais lhe interessa e atua melhor. Com os estudos de COFFERRI, F. F. e NOGARO, A (2010) podemos notar que ao falar sobre Educação, Aranha (2006) afirma que não é a simples transmissão de herança dos antepassados para as novas gerações, mas o processo pelo qual também se tornam possíveis a gestação do novo e a ruptura com o velho. Espaço para que seja possível a reflexão crítica da cultura, podendo realizar-se em espaços formais (oficiais, organizados para esse fim) e não formais (em que a aprendizagem se dá por meio da prática social: o aprendizado ocorre por meio da vivência, não necessariamente por conteúdos previamente sistematizados).

De certa forma, a Educação, compreendida como escolarização ou não, permite-nos observar que, ao aprendermos alguma coisa na escola, quando crianças e adolescentes, ou, na fase adulta, com amigos e em situações gerais da vida, estamos constantemente sofrendo influências de outras pessoas e também influímos com nossas ideias e pensamentos.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação! Educações (BRANDÃO, 1993, p. 7 e 9).

 Nas palavras de COFFERRI, F. F. e NOGARO, a Educação é uma função real e necessária da sociedade humana, pela qual se busca desenvolver ou facilitar o desenvolvimento da vida do homem e introduzi-lo no mundo social e cultural, apelando para sua própria atividade. Captar e compreender as finalidades do mundo, a fim de transformá-lo e responder não só aos estímulos, e sim, aos desafios que nos propõe; enfim, a Educação é um processo contínuo, na vida dos seres humanos, que os orienta e conduz a novas descobertas e pensamentos.

**III – EXEMPLOS DE INSPIRAÇÃO: REALIDADES**

 **3.1 - Os diversos espaços como fundamentos da discussão.**

Começo este capítulo com base nos estudos de Nilda Alves (2003) revelando que indo um pouco mais adiante, com a leitura dos estudos de Stenhouse[[6]](#footnote-6) (1991), e de seus seguidores, como Elliot[[7]](#footnote-7) (1990), torna-se possível a compreensão de que o conhecimento das tantas escolas existentes em um mesmo sistema educativo só é possível na medida em que, nos processos necessários a esse conhecimento, incorporemos os múltiplos sujeitos do cotidiano escolar, o que já nos era indicado, de certo modo, pelas duas tendências antes referidas. Para Stenhouse, os professores, à medida que vão questionando suas diversas práticas, identificadas, conhecidas e analisadas através de processos de pesquisa, são os que podem efetivar intervenções no cotidiano das escolas, desenvolvendo alternativas às propostas oficiais. Essa possibilidade/necessidade, Stenhouse e seus seguidores percebem-na a partir da compreensão das diferenças culturais existentes em nossa sociedade. É, pois, com seus estudos que começamos em nosso país a relacionar cotidiano escolar com cultura.

Portanto, sabe-se que a importância da pré-escola é inevitável para a formação completa de todo cidadão. Com base nos estudos de Carla Nunes dos Reis[[8]](#footnote-8), para tratar das questões afetas à organização do tempo e do espaço há a necessidade de retomar alguns aspectos históricos referentes à organização das instituições de Educação Infantil. Esclarecem as autoras Abramovay[[9]](#footnote-9) e Kramer[[10]](#footnote-10) (1991) que a necessidade da pré-escola aparece, historicamente, como reflexo direto das grandes transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas na Europa, especialmente na França, a partir do século XVIII. Escrevem as autoras:

Eram as creches que surgiam, com caráter assistencialista, visando a afastar as crianças pobres do trabalho servil que o sistema capitalista em expansão lhes impunha, além de servirem como guardiãs de crianças órfãs e filhas de trabalhadores. Nesse sentido, a professora tinha como função precípua a guarda das crianças (ABRAMOVAY; KRAMER, 1991, p. 23).

Abramovay e Kramer (1991) mostram que no século XIX uma nova função passa a ser atribuída à pré-escola, desta vez mais relacionada à ideia de educação. Nesse contexto são criados os Jardins de Infância por Froebel[[11]](#footnote-11) e novas concepções são pensadas para a educação das crianças por Montessori[[12]](#footnote-12) e Pestalozzi[[13]](#footnote-13). Nesta fase, o serviço da pré-escola era o de compensar as deficiências das crianças, sua miséria, sua pobreza e a negligência de suas famílias. Isto nos permite observar que as origens da educação pré-escolar se confundem com as origens da educação compensatória, que ganhou contornos e estratégias mais delineadas no século XX, após a II Guerra Mundial (1939).

Contudo, ainda apoiada nos estudos de Clara Nunes dos Reis, para ABRAMOVAY e KRAMER (1991, p. 130), a pré-escola não é nem depósito nem corretora de carências; ela possui outra função, que precisa ser claramente expressa e concretizada: a função pedagógica. Essa função consiste em desenvolver um trabalho que tome a realidade e os conhecimentos infantis como ponto de partida e os amplie, por meio de atividades que tenham significado concreto para a vida das crianças e que, simultaneamente, assegurem a aquisição de novos conhecimentos. Destarte, a função pedagógica confere ao trabalho desenvolvido na pré-escola uma importância maior do que ser mero depósito. Deste modo, as autoras concluem que a pré-escola “não prepara para a escolaridade posterior, nem previne seus fracassos, podendo, tão somente, contribuir no difícil processo de democratização da educação brasileira”. (ABRAMOVAY; KRAMER, 1991, p. 33).

Toda e qualquer prática aponta para uma construção no coletivo a fim de conjugar o que se escuta, de quem se escuta, como se escuta e porque se escuta, com objetivos claramente traçados, de uma maneira que possa se desenvolver de forma dialógica e revolucionária. É necessário compreender, como quer Freire (2001b, p.233), que:

Toda prática formativa tem como objetivo ir mais além de onde está. É exatamente essa possibilidade que a prática educativa tem: a de mover-se até. É isso que a gente chama de diretividade – que faz parte da natureza do ser da educação. E essa diretividade – que faz parte da natureza do ser da educação – não permite que ela seja neutra.

Todo espaço onde a “aula” acontece, na escola, na empresa, no presídio ou no hospital, é o espaço onde tem lugar os processos de ensino e aprendizagem. A qualidade da aprendizagem sofrerá influências, em grande parte, pela qualidade dos processos educacionais desenvolvidos e pela capacidade do professor de analisar e refletir sobre sua prática.

Enfim, é fundamental haver a “ressignificação pedagógica” da situação dos educandos em qualquer ambiente educacional e potencializá-la em oportunidades de ensino-aprendizagem torna-se ação coerente com um projeto pedagógico empenhado em tornar os ambientes educativos mais participativos objetivando democratizar o acesso ao conhecimento e aprendizagem para todos.

**3.2 - Repercussão de fatos.**

Os fatos aqui relatados aconteceram por meio de pesquisas, afinal qualquer estágio e projeto exigem pesquisas para que se formem em grandes resultados. Do ponto de vista de experiência escolar, o que se destacou foi a marca de um “sistema de pensamento” (BOURDIEU, 1974), de uma memória impregnada de pessoas ligadas a um mesmo objeto – uma disciplina, uma escola, um projeto educativo (KENSKI, 1994, p.47). Essa memória tanto tende a “monumentalizar” o espaço físico, a atmosfera de um curso, as aulas de determinados professores como também se inclina a desqualificar a história escolar, as práticas de formação, esvaziando-as de significado.

Começo por relatar um pouco o meu primeiro estágio vivido durante o curso de Pedagogia: Estágio do Ensino Médio. Tal estágio foi realizado numa escola de Ensino Médio Normal: o famoso e tradicional Colégio Estadual Júlia Kubitschek, localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, durante duas semanas seguidas; onde tempos depois também participei por um semestre do Projeto PIBID. Ambos os trabalhos foram realizados com a supervisão da professora Claudia Miranda.

Ali o mais bacana foi o fato de poder presenciar como é o ensino de normalistas e poder contar com toda sua tradição, apesar de muitos fatores estarem modificados com o passar dos anos. Para contar um pouco do passado, Saviani (2005) explica sobre diversos locais do Brasil:

Durante quase toda a primeira metade do século XX prevaleceu o padrão de formação de professores das Escolas Normais de formação primária, com destaque para o trabalho desenvolvido na Escola Normal do Distrito Federal e de São Paulo, base para os primeiros Institutos de Educação. No curso da Escola Normal de São Paulo surgia a disciplina de exercícios práticos de ensino, além da Escola-Modelo, que funcionava em um prédio anexo. Ela atendia somente aos alunos do primário e era o laboratório dos futuros professores. Com esse formato, a Escola Normal de São Paulo passou a receber observadores e estagiários de todo o país, além de enviar grupos de professores paulistas na condição de reformadores para os estados do Mato Grosso, Espírito Santo, Santa Catarina, Sergipe, Alagoas e Ceará, durante a Primeira República (SAVIANI, 2005:15).

A Escola Normal, onde no início de sua história era composta apenas por estudantes do sexo feminino; hoje em dia, podemos ver componentes do sexo masculino também, ainda que a minoria, com exemplos marcantes como o abaixo que pude ver de perto:

Um fato bem marcante é o de que conheci um estudante cego que frequenta veementemente as aulas. Ele mostra-se um aluno bastante interessado, inteligente e comunicativo, passando para mim que não tem vergonha de estar ali, mesmo com a sua deficiência. É um belo exemplo de garra pela vida, onde o mesmo realiza todas as provas da escola, sendo que elas são lidas por alguém, ele responde e a pessoa que acompanha escreve. E, ao ir e voltar da escola utiliza o ônibus, entretanto, seu pai o leva até o ponto colocando-o no veículo e alguém o acompanha até o ponto para voltar para casa; inclusive eu, certa vez, pude levá-lo. (Meu Relatório de Observação do PIBID).

O Colégio de Ensino Normal, apesar de ter passado por fortes mudanças, como por exemplo, a flexibilidade encontrada hoje acerca de comportamentos, o que antigamente não se podia abrir o primeiro botão da camisa sequer; ainda mantém certas tradições bem marcantes:

Muito interessante também foi ver a tradição mantida da disciplina de Música, onde mostra a importância do Hino Nacional, do Hino do Estado do Rio de Janeiro, do Hino do Colégio e do Hino da Normalista, além de cantarem outras músicas que fazem os alunos participarem bastante. (Anotações do meu Relatório de Observação do PIBID).

E, para finalizar momentos no ambiente da Escola Normal, destaco alguns vividos no CEJK bastante marcantes:

Na sala da turma que acompanhei, que é do terceiro ano, observei que há cartazes em estilo de jornal, mostrando notícias atuais do Brasil e do mundo, falando acerca de doenças, violência, esportes, famosos etc. E, além disso, algo também bastante interessante: fotos de todos os alunos da turma com seus devidos nomes e uma palavra escrita junto com cada nome que começa com a mesma letra. No segundo dia, soube que começaria a ser oferecida comida para os alunos e funcionários no refeitório. No percorrer das aulas, fui notando que os espaços de tempo de uma aula para outra são muito curtos, fazendo com que as aulas não rendam muito, não tendo um grande desenvolvimento. Isso porque, além de ter pouco tempo para cada disciplina, percebi que grande parte dos alunos conversa demais e não têm muito respeito com os professores. Falam alto e chegam até a gritar palavrões na frente do professor, até mesmo quando estão realizando algum trabalho ou quando o professor está explicando. Acredito que existe muita liberdade para esses alunos, pois vão com qualquer tipo de calçado, entram na sala de aula atrasados, desrespeitam os professores, entre outros aspectos. Por outro lado, presenciei aspectos positivos também, como por exemplo, a aula de Biologia, que é bem dinâmica e atrativa, fazendo com que os alunos participem mais, pois é realizada no laboratório próprio para tal matéria com materiais bem elaborados. Algo que vi bastante diferente foi a elaboração de trabalhos em cartazes na disciplina de Educação Física, pois nunca havia visto nem escutado. Bacana! (Anotações do meu Relatório de Estágio Supervisionado no Ensino Médio).

Outro ambiente com experiências distintas das destacadas acima foi o de uma Escola Municipal no 2° ano do Ensino Fundamental, no qual pude encontrar diversas dificuldades por parte dos alunos e vivenciar atividades antigas e tradicionais:

As aulas eram sempre iniciadas com uma musiquinha de ‘Boa Tarde’ e, logo após isso, a professora chamava uma criança para apontar o abecedário cantando junto com a turma a música de tal. A turma se mostra sempre bastante presente, embora tenha momentos de muita agitação e de falta de atenção de certos alunos. A turma possui baixo rendimento devido ao fato de a maioria das crianças não estar totalmente alfabetizada. Portanto, a docente faz ‘leitura individual’ com cada um, principalmente com os que têm mais dificuldades, dando continuidade a um processo de alfabetização que ainda necessitam. Algo em destaque nesse assunto também foram palavras dadas que se juntam com a letra *R* no meio de certas sílabas, como por exemplo: *grande, dragão, craque, trator, metrô, trem,* entre outras. Ainda em relação à alfabetização, dividiu a turma em vários grupos para conhecer os planetas e seus nomes, devido a um passeio que aconteceu no planetário. A partir daí, os alunos leram os nomes que conseguiam reconhecer, desenharam, pintaram e copiaram tais nomes. Depois, escolheram três nomes de planetas, recortaram e colaram no caderno para formar frases com cada uma dessas palavras escolhidas. Presenciei muita dificuldade em certos alunos, ao ter que dar sentidos nas palavras e o espaço entre cada uma delas, além, é claro, de não saberem escrever certas palavras que pensavam em colocar nas frases. Conheceram também nomes de pés de frutas, copiando no caderno (macieira, mangueira, parreira, bananeira, laranjeira, goiabeira, entre outras). De novo com o tema de RIO + 20, desenharam sobre o que desejariam mudar no mundo para acabar com os malefícios. Na parte de Matemática, foi dado o conteúdo de Sequência, juntando dezenas com concreto. As aulas de Artes eram basicamente com corte e colagem, desenho e pintura. Algo que se destacou foi o Mosaico, utilizando papel picado para montar figuras livres colando, usando bastante a criatividade. Nas aulas de Inglês estavam aprendendo os primeiros números (de 0 a 10) e as cores, desenhando objetos que já conhecem no inglês (mochila, lápis, caneta, estojo, livro, régua, caderno, bola, boneca, entre outros), sendo tudo no próprio livro de Inglês. Quase não se fala em Ciências Sociais (História e Geografia), abordando apenas certos nomes de lugares (países, estados e cidades). Em Música, ainda não se trabalha com instrumentos musicais, mas já são passados os nomes das notas musicais, trabalhando com cantos, ritmos e dança com ritmos corporais. A professora passará a dar as pautas com as notas musicais no 2° Semestre. E, por fim, as aulas favoritas das crianças: as de Educação Física, as quais são realizadas de um jeito livre e descontraídas. Isso com atividades de corda, bola, giz no chão, bambolê, diversos tipos de brincadeiras (galinha choca, amarelinha, acertar a cesta, roda, cabo de guerra, caminhos com corda para seguir em cima da mesma, etc.). E, é óbvio, não podia faltar o futebol para os meninos, além de basquete, hand ball e vôlei. Conclui-se que o conteúdo mais dado é o de Língua Portuguesa, afinal os alunos ainda necessitam bastante aperfeiçoar a escrita. (Anotações do meu Relatório de Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental).

No Estágio em Gestão Escolar pude estar presente como uma Coordenação / Direção / Secretaria de uma escola particular de Educação Infantil funciona. Destaco aqui minhas conclusões obtidas nele:

Com esse estágio pude reconhecer o quanto é fundamental ter uma integração entre todos os setores de uma escola, pois eles são como uma engrenagem e apenas funcionam bem quando todos estão realmente preparados para auxiliar. É essencial que as informações sejam passadas entre todos. Por exemplo, mesmo que a Coordenadora que tenha que organizar os horários das atividades gerais, a Secretária que as coloca no sistema e gera o boleto para que haja o pagamento e, por outras vezes, também ajudam no preparo de certos materiais das professoras; inclusive eu pude participar nesses preparos com as orientações da Secretária e da Coordenadora. Enfim, essas são somente palavras para explicar um pouco do que vivi lá dentro a fim de mostrar que quando existe harmonia no sistema de trabalho toda a escola funciona bem, sempre com certas dificuldades, mas que sempre alcança êxitos. Foi uma experiência muito bacana, pela qual me identifiquei bastante. (Conclusão do meu Estágio Supervisionado em Gestão Educacional).

Para concluir, vale relatar um pouco sobre o Estágio em Educação de Jovens e Adultos, o qual foi o último a ser realizado e o mais recente em minha memória. Pude presenciar, dentro de um ambiente educacional de uma maneira tradicional de ensino, como o EJA vem se transformando e como pode influenciar novas expectativas daqueles que estão atrasados na vida escolar.

Todavia, pude constatar pelas minhas observações que, apesar do esforço por parte dos docentes, a maioria dos discentes da turma observada não possui um objetivo maior para o futuro, isto é, querem mais é se formarem no Ensino Fundamental e Ensino Médio, sem pretensões maiores. Isso também foi constatado pelos profissionais de educação da escola. Vale lembrar:

No geral, a turma é bastante presente e comunicativa entre si e com os docentes, chegando a fazer brincadeiras. Interagem com diversos assuntos e chegam a perguntar opiniões dos professores e até contar certos casos que aconteceram. No entanto, apesar de ser uma turma participativa com a matéria, há momentos em que conversam muito, e, até ficam levantando pra olhar a janela e mexer no celular (jogando, vendo vídeos, ouvindo música, trocando mensagens, e até tirando fotos de si mesmos). Tem professor que finge que não vê e outros que impõem e fazem com que não usem ou coloquem em cima da mesa do docente, ou até, sair de sala. Por vezes, alguns deles demoram muito para copiar do quadro e até para fazer exercícios. No momento em que os professores saem da sala para fazer algo, alguns alunos comentam sobre certos professores, crendo que a maioria fala o que quer para o aluno e que o mesmo não pode contestar nada. Inclusive, acreditam que alguns docentes não os compreendem e que agem com ironia ao dizerem o que fazem de correto, dando a entender que não acreditam no que falam. (Minhas Observações Anotadas no Relatório Final de Estágio EJA).

 Após toda essa repercussão de realidades que puderam ser colocadas aqui, é essencial colocar também que o meu papel de pesquisadora como observadora, ou seja, pesquisando à base de observação de fatos, posso afirmar que como qualquer outra mente, a minha também foi altamente seletiva, destacando aquilo que mais me chamou atenção. Para isso, Lüdke e André (1986) explicam melhor:

O que cada pessoa seleciona para “ver” depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural. Assim, o tipo de formação de cada pessoa, o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.25).

 Portanto, ao enxergar e registrar todas essas experiências, acredito que apreendi o que me veio de melhor na minha mente e todos os detalhes que considerei mais ricos para poder agregá-los em meus trabalhos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Eis aqui alguns pontos que deveriam ser inseridos dentro e fora dos ambientes escolares: instituir uma cultura de efetiva participação; inclusão da escola brasileira na cultura digital; interatividade nos resultados escolares; produtividade escolar-familiar; currículo organizado para todo tipo de ensino-aprendizagem; sistemática na escola, com o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagemde cada aluno; alcançar o atendimento das metas escolares em todos os níveis de ensino, entre outras diversas questões.

De acordo com os autores pesquisados acerca do assunto, essas questões e inquietações são fundamentais para elaborar um trabalho sobre o espaço geográfico escolar, envolvendo todos os aspectos sociais e geográficos com a estrutura escolar pedagógica, compreendendo seu currículo. Além disso, entende-se que o processo de desenvolvimento da memória individual e coletiva deve capacitar os moradores de um determinado local para a leitura e compreensão de suas paisagens sociocultural e ambiental no espaço de vivência. Devido a essa razão, a educação patrimonial e ambiental não é considerada um instrumento de afirmação da cidadania.

Nas palavras de Antonio Flavio Barbosa Moreira e Sonia Kramer (2007) “é essencial refletir que conceber professores e gestores como intelectuais contribui para repensar a escola, a formação e a tecnologia, de modo que a construção de narrativas das histórias de vida seja o objetivo”. Permite que novos conhecimentos (adquiridos ou construídos) se enraízem nas trajetórias vividas. Ao fazê-lo, concorre para que a vida se torne legível, compreensível, percebida na sua dimensão de longo prazo, em que é possível conhecer e reconhecer o outro e, portanto, é possível o sentimento do “nós”. Induz, também, a tecnologia – produção humana que rompe a corrente de transmissão de práticas ligadas às histórias de grupos ou povos – a tornar-se instrumento de narração e de estruturação de grupos e projetos.

A partir disto, poderemos, quem sabe, garantir, em todos os níveis da sociedade atual, uma Educação mais justa, igualitária e diversificada.

**REFERÊNCIAS**

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. ABRAMOVAY, Miriam. Disponível em <<http://www.miriamabramovay.com/site/index.php>> Acessado em Maio de 2014.

ALVES, Nilda. *As Múltiplas Formas de Narrar a Escola.* Currículo sem Fronteiras, v. 7, n.2, pp.5-7, Jul/Dez 2007. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.

ALVES, Nilda. Cultura e Cotidiano Escolar. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação. Rio de Janeiro – RJ. Revista, Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. ALVES, Nilda. Cultura e Cotidiano Escolar. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação. Rio de Janeiro – RJ. Revista, Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23.

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é Cultura Popular.* Editora Brasiliense. São Paulo – 1ª edição 1981 – 11ª edição.

AROSA, Armando C.; SCHILKE, Ana Lúcia (organizadores). *A escola no hospital: espaço de experiências emancipadoras.* Niterói: Intertexto, 2007.

BERBAT, Marcio da Costa. *Reflexões sobre a Institucionalização dos Cursos de Formação de Professores a Distância no Brasil.* Universidade Federal de São Carlos – SP. SIED / EnPED 2012.

BUENO, Míriam Rezende. *Olhares de Alunos de EJA em Espaços Segregados: Práticas Educativas que buscam a Inclusão. De Espaço Segregado a Patrimônio Sociocultural e Ambiental.* Porto Alegre, 2009.Disponível em <<http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20%2853%29.pdf>> Acessado em Setembro de 2013.

CARMO, José Geraldo Botura do. *Alienígenas na Sala de Aula.* Novembro de 2001. Disponível em <<http://www.educacaoliteratura.com/index%2035.htm>> Acessado em Fevereiro de 2014.

CERONI, Mary Rosane. *O perfil do pedagogo para atuação em espaços não-escolares.* An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006.

CHIAVENATO, Idalberto. ***Gestão de Pessoas:*** O novo papel dos [**recursos humanos**](http://www.pedagogia.com.br/artigos/pedagogoempresarial/index.php?pagina=1) nas Organizações. 6ªtiragem. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

CHIAVENATO, Idalberto. ***Gestão de Pessoas:*** O novo papel dos recursos humanos nas Organizações. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

COFFERRI, F. F.NOGARO, A. *Competências do Pedagogo como Educador Social – Promovendo o Desenvolvimento Psicossocial do Ser Humano.* PERSPECTIVA, Erechim. v.34, n.128, p. 7-21, dezembro/2010.

COSTA, Carina Martins. *A escrita de Clio nos temp(l)os da Mnemósime: olhares sobre materiais pedagógicos produzidos pelos museus.* Juiz de Fora - MG
BRASIL, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982008000100013>> Acessado em Setembro de 2013.

*Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA.*Ministérioda Educação: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, setembro 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. FROEBEL, Friedrich. – Disponível em <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/friedrich-froebel-307910.shtml>> Acessado em Maio de 2014.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. IANNI, Octavio, 1926- *Teorias da Globalização/* Octavio Ianni. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. KRAMER, Sonia. Disponível em <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4788245Y0>> Acessado em Maio de 2014.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. LAVAL, C. *A Escola não é uma Empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público.* Londrina: Planta, 2004.

LUCENA, Rejane. *A Contribuição do Pedagogo Empresarial para o Desenvolvimento do Capital Humano nas Organizações.* Artigo, 25/11/2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.* São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE, Menga (Coord.); DE OLIVEIRA, Ana Teresa de Carvalho; DA CRUZ, Giseli Barreto; BOING, Luiz Alberto; SCHAFFEL, Sarita Léa. *O que conta como pesquisa?* São Paulo: Cortez, 2009.

MACHADO, Cristina Gomes. *Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença/* Cristina Gomes Machado. – Rio de Janeiro:Editora DP&A, 2002. – *[O que você precisa saber sobre...].*

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. MACHADO, Cristina Gomes. *Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença/* Cristina Gomes Machado. – Rio de Janeiro:Editora DP&A, 2002. – *[O que você precisa saber sobre...].*

MAGALHÃES, Leandro Henrique. *Educação Patrimonial: Uma Análise Conceitual/Educação Patrimonial, Memória e Patrimônio: Alguns Princípios Teóricos.*

Centro Universitário Filadélfia – UniFil. Londrina- PR. 13 a 16 de Outubro de 2009.

MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; DE OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. *Metodologias e técnicas de pesquisa em educação.* – Belém: EDUEPA, 2010.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. MONTESSORI, Maria. – Disponível em <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per02.htm>> Acessado em Maio de 2014.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; KRAMER, Sonia. *Contemporaneidade, Educação e Tecnologia.* Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1037-1057, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acessado em Maio de 2014.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. *Currículo: conhecimento e cultura.* Entrevista disponível em <<http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=28>> Acessado em Outubro de 2013.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. *Metodologia da Pesquisa – Abordagem teórico-prática.* Campinas, SP. Editora Papirus. 2004.

PAZ, Charlyne Pinheiro da; CARVALHO, Taise NEVES. *O RH e a Pedagogia Empresarial.* Artigo, 27/07/2010.

PIMENTA, Selma Garrido. *O Estágio na Formação de Professores – Unidade Teoria e Prática?* São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. PESTALOZZI, Johann Heindrich. – Disponível em <http://www.pedagogia.com.br/biografia/johann.php> Acessado em Maio de 2014.

Portal Brasil – Abril de 2012 – Disponível em <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/04/lei-preve-reducao-de-pena-para-os-presos-que-estudam> Acessado em Maio de 2014.

REGO, Nelson. *Currículo Lattes – CNPQ.* Disponível em <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4786453H9>> Acessado em Setembro de 2013.

REGO, Nelson; MOLL, Jaqueline; AIGNER, Carlos. *Saberes e Práticas na Construção de Sujeitos e Espaços Sociais.* Editora UFRGS. Rio Grande do Sul.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. REIS, Carla Nunes dos. *A Organização do Tempo e do Espaço: Contribuições para a Aprendizagem das Crianças na Educação Infantil.* Maringá, PR: UEM.

Revista VocêRH, mai/Jun. edição 11:editora Abril,2010-06-21

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. REZENDE, Lucinea Aparecida de. (Org.). Tramando temas na educação. Londrina: Ed. UEL, 2001.

RIBEIRO. Amélia Escotto do Amaral. ***Pedagogia Empresarial:*** a atuação do pedagogo na empresa.Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1978.

SAVIANI, Dermeval. – Disponível em *<*bibliotecadigital.fgv.br/.../Tese%20definitiva%20Maria%20Cláudia%20Car..> Acessado em Maio de 2014.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Significado de Cyborgs. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciborgue>> Acessado em Maio de 2014.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. STORI, Noberto. O despertar da sensibilidade na educação. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie; Cultura Acadêmica Ed., 2003.

WOLF, Rosângela Abreu do Prado. – Disponível em <http://revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/viewFile/3836/2714> Acessado em Maio de 2014.

1. Refere-se ao sistema de educação e formação educacional das culturas grega e helenista. [↑](#footnote-ref-1)
2. Significado de cultura na língua inglesa. [↑](#footnote-ref-2)
3. Devido à alta tecnologia atual, os jovens acabam se tornando *cyborgs,* onde a utilizam de maneira que possam ameaçar o livre arbítrio. [↑](#footnote-ref-3)
4. Professor, Pesquisador e Geógrafo da UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO). [↑](#footnote-ref-4)
5. Desterritorialização generalizada, dissolvendo fronteiras, deslocando as coisas, desenraizando gentes, ideias, culturas, religiões, línguas e modos de ser. [↑](#footnote-ref-5)
6. Educador inglês que defende um posicionamento investigativo por parte dos professores. [↑](#footnote-ref-6)
7. Educador seguidor das ideias de Stenhouse na Inglaterra. [↑](#footnote-ref-7)
8. Acadêmica do 4° ano de Pedagogia noturno da Universidade Estadual de Maringá (UEM). [↑](#footnote-ref-8)
9. Miriam Abramovay é educadora e socióloga brasileira. [↑](#footnote-ref-9)
10. Sonia Kramer é pedagoga brasileira. [↑](#footnote-ref-10)
11. Friedrich Froebel foi um Pedagogo alemão que criou os Jardins de Infância, desenvolvendo interesses na prática. [↑](#footnote-ref-11)
12. Maria Montessori foi uma educadora italiana e criadora da Escola Nova. [↑](#footnote-ref-12)
13. Johann Heinrich Pestalozzi foi um educador suíço e adepto da Educação Pública para qualquer classe social, em especial às classes desfavorecidas. [↑](#footnote-ref-13)